

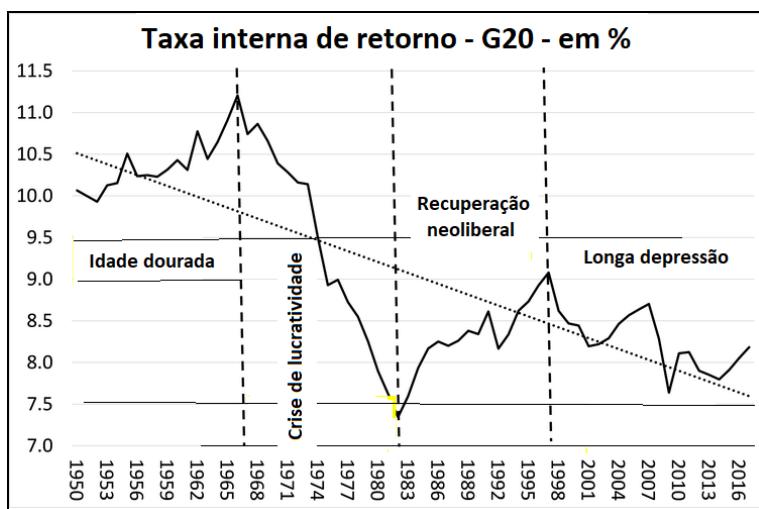
# Mais sobre uma taxa de lucro mundial

Michael Roberts – The next recession blog

Texto publicado em 20 de setembro de 2020

No post anterior, apresentei uma nova abordagem para calcular a taxa de lucro mundial. Não vou repassar aqui os argumentos lá apresentados, pois aquele post, assim como os anteriores sobre o assunto, está disponível no blog original (e numa tradução antes apresentada). Mas naquela publicação, disse que apresentaria uma decomposição da taxa de lucro mundial nos fatores que a determinam. Ademais, disse que iria relacionar a mudança na taxa de lucro à regularidade e intensidade das crises no modo de produção capitalista. Ademais ainda, consideraria a questão de saber, dada à tendência para a taxa de lucro cair (algo bem é consistente com a argumentação de Marx), se ela poderia chegar a zero eventualmente? E se isso vier a ocorrer, o que isso significa sobre o próprio capitalismo? Não vou responder todos esses pontos neste post, mas apenas parte.

Primeiro, vou reapresentar os resultados da medição da taxa de lucro mundial tal como apareceu na postagem de julho. Com base nos dados agora disponíveis no Penn World Tables 9.1 (série IRR original), calculei a taxa média (ponderada) de lucro sobre ativos fixos para as principais economias do G20 de 1950 a 2017 (último ano disponível). Ela se apresentou conforme o gráfico abaixo.



Fonte: Penn World Tables 9.1, cálculos do autor

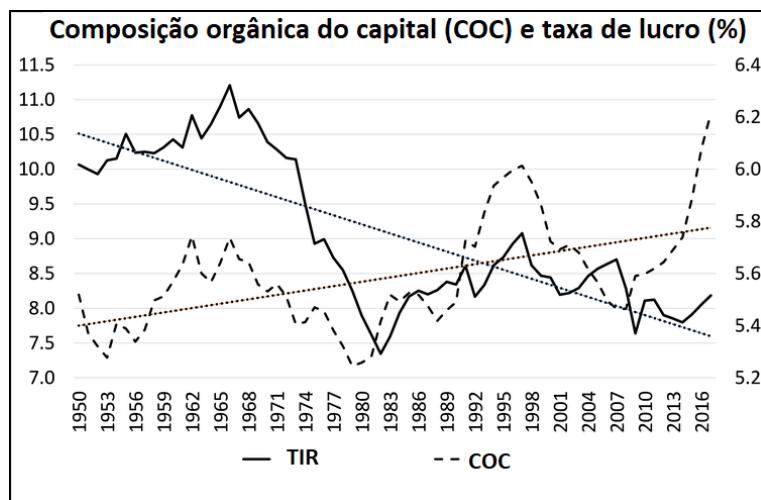
A série foi dividida em quatro períodos, pois, creio, que eles definem diferentes situações na economia capitalista mundial. Há a "era dourada" ocorrida imediatamente após a 2ª Guerra Mundial, em que a lucratividade é alta e está aumentando. Depois, há o colapso agora bem documentado (e não contestado) na taxa de lucro de meados da década de 1960 até a queda global do início da

década de 1980. Depois, há a chamada recuperação neoliberal, em que a lucratividade se recupera, mas atinge seu pico no final da década de 1990 em um nível ainda bem abaixo daquele da idade dourada. E, finalmente, há o período que chamo de “longa depressão”, em que a lucratividade volta a cair, com um salto leve para cima entre 2001 e 2007, chegando a um pico pouco antes da Crise 2007-2008. A recuperação da lucratividade desde o fim dessa crise tem sido bem pequena.

Portanto, a lei da lucratividade de Marx se manifesta empiricamente e, por isso, deve ser considerada válida. Mas ela seria teoricamente aceitável? Poderiam haver outras razões para a queda secular da lucratividade além daquelas propostas por Marx. A teoria de Marx era de que os capitalistas, competindo uns com os outros para aumentar os lucros e ganhar participação de mercado, minariam as posições de seus rivais reduzindo custos, especialmente os custos de trabalho. Portanto, o investimento em maquinário e tecnologia teria como objetivo a eliminação de mão-de-obra – aumento das máquinas para substituir trabalhadores. Mas como o valor novo depende só do emprego de força de trabalho (as máquinas não criam valor), haveria uma tendência para que o valor novo (e particularmente o mais-valor) cair relativamente ao aumento do capital investido em máquinas e instalações (capital constante no modelo de Marx termos).

Portanto, ao longo do tempo, haveria um aumento no capital constante em relação ao investimento em compra de força de trabalho (capital variável), ou seja, um aumento na composição orgânica do capital (COC). Ora, essa consiste na tendência-chave da lei da lucratividade de Marx. Ela poderia ser neutralizada se os capitalistas pudessem forçar o aumento da taxa de exploração (ou taxa de mais-valor) da força de trabalho empregada. Assim, se a composição orgânica do capital aumentasse mais do que a taxa de mais-valor, a taxa de lucro cairá – e vice-versa. Ora, se se observa essa tendência se manifestando na taxa de lucro medida empiricamente, isto daria suporte à tese de que a Lei de Marx explica queda da taxa de lucro entre 1950 e 2017.

Bem, eis aqui um gráfico da decomposição da taxa de lucro para as economias do G20.



Fonte: Penn World Tables, cálculos do autor

O gráfico acima mostra que o declínio de longo prazo na lucratividade é acompanhado por um aumento de longo prazo na composição orgânica do capital. Assim, a principal explicação de Marx para uma taxa de lucro em queda, ou seja, um aumento na composição orgânica do capital, é validade como correta.

E quanto à taxa de mais-valor? O que ocorreu com ela? Se ela aumentar mais rápido do que a COC, a taxa de lucro deverá aumentar e vice-versa. Bem, aqui está o comportamento dessa variável segundo os quatro períodos acima descritos. As taxas calculadas de variação mostram o resultado buscado.

	TIR	COC	Tx MV
<b>1950-17</b>	<b>-18.7</b>	<b>12.6</b>	<b>-8.4</b>
<b>1950-66</b>	<b>11.3</b>	<b>4.0</b>	<b>15.7</b>
<b>1966-82</b>	<b>-34.5</b>	<b>-5.6</b>	<b>-38.1</b>
<b>1982-97</b>	<b>23.6</b>	<b>11.0</b>	<b>37.2</b>
<b>1997-17</b>	<b>-9.9</b>	<b>3.4</b>	<b>-6.8</b>

Fonte: Penn World Tables, cálculos do autor

Para todo o período, entre 1950 e 2017, a taxa de lucro do G20 caiu mais de 18%; enquanto a composição orgânica do capital aumentou 12,6%, a taxa de mais-valor não subiu, mas caiu realmente cerca de 8%.

Na época dourada, a taxa de lucro subiu 11%, porque a taxa de mais-valor subiu mais de 16% em relação à COC, que se elevou em apenas 4%. Já na crise de lucratividade, entre 1966 e 1982, a taxa de lucro despencou 35% porque, embora a COC também tenha caído 6%, a taxa de mais-valor caiu bem mais, cerca de 38%.

No período de recuperação neoliberal, a taxa de lucro subiu 24% porque, embora a COC tenha subido 11%, a taxa de mais-valor subiu enormemente, cerca de 37% (um aperto real nos salários e nas condições dos trabalhadores). No período final desde 1997, quando a taxa de lucro caiu 10% até 2017, a COC subiu um pouco (4%), mas a taxa de mais-valor caiu também um pouco (7%).

Esses resultados confirmam – penso – a lei de Marx como uma explicação apropriada para o movimento da taxa de lucro mundial desde 1950. De qualquer modo, não conheço outra explicação alternativa que explique isso melhor.

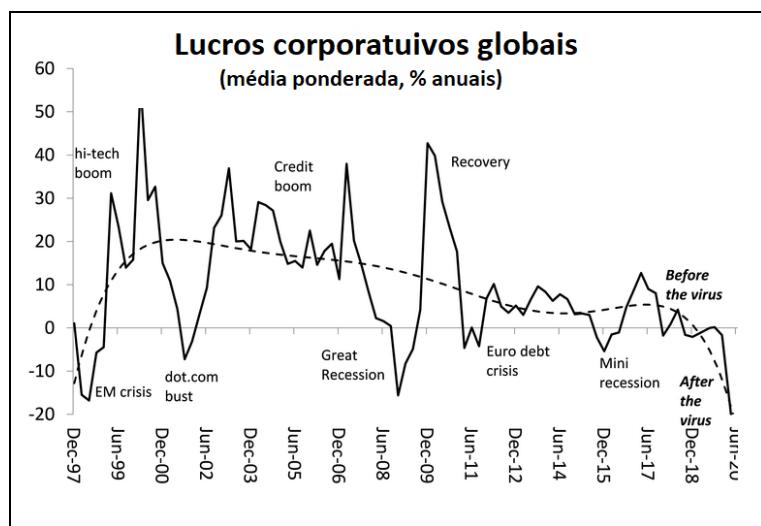
Será, então, que essa taxa de lucro possa eventualmente chegar em zero? O que isto significaria para o futuro do capitalismo? Bem, se a taxa atual de queda secular nas economias do G20 continuar na mesma tendência, vai demorar muito para chegar a zero – bem próximo de um século! Tendo-se em mente apenas as economias do G7, observa-se, no entanto, algo mais próximo. Se a queda média anual na lucratividade experimentada nos últimos 20 anos ou mais continuar, então a taxa do G7 chegará a zero em 2050. Ora, é possível que haja um novo período de recuperação da taxa do lucro, provavelmente impulsionado pela destruição dos valores do capital por meio de

um crise profunda ou ainda por meio de uma severa restrição da participação do trabalho no valor gerados imposta por governos reacionários.

No entanto, o que a queda secular na lucratividade do capital diz é que a capacidade do capitalismo de desenvolver as forças produtivas e tirar bilhões da pobreza, rumo a um mundo de abundância e de harmonia com a natureza é desesperadoramente impossível. O capitalismo como sistema já passou de seu prazo de validade.

Finalmente, pode-se relacionar a queda da lucratividade com as crises regulares e recorrentes de produção e investimento no capitalismo? Em meu livro, Marx 200, expliquei essa conexão; já na postagem de julho mostrei uma correlação próxima entre a queda da lucratividade do capital e uma queda na massa total de lucros. Marx argumentou que, à medida que cai a lucratividade média do capital no sistema econômico, os capitalistas compensam isso aumentando o investimento e a produção para impulsionar a massa de lucro. Ele chamou esse efeito de lei de dupla margem: queda da lucratividade e aumento dos lucros. No entanto, a certa altura, a queda da lucratividade é tamanha que a massa de lucros para de subir e começa a cair – este é o ponto crucial para o início de uma “greve de investimentos” a qual leva a uma queda na produção, no emprego e, eventualmente, nos rendimentos e nos gastos dos trabalhadores. Somente quando houver uma redução suficiente dos custos para os capitalistas, trazendo um aumento na lucratividade e nos lucros, o “ciclo de negócios” será retomado.

O que está acontecendo agora? Bem, como vimos acima, a lucratividade global já estava em um ponto baixo em 2017, na verdade, ainda abaixo do pico no momento anterior à Grande Recessão. Por qualquer estimativa calculada, ela foi ainda menor em 2019. Por isso, atualizei a medida da massa de lucros no setor corporativo das principais economias (EUA, Reino Unido, Alemanha, Japão, China). Mesmo antes do estouro da pandemia e de começarem os bloqueios, os lucros corporativos globais tornaram-se negativos, sugerindo que uma queda estava a caminho em 2020 de qualquer maneira.



Fonte: Contas Nacionais, cálculos do autor

Sabemos pelos jornais que as grandes empresas americanas de tecnologia e distribuição online (FAANGS) estão obtendo os enormes lucros. Mas eles são a exceção num mundo de empresas em situação muito pior. Todo um conjunto de corporações (grandes e pequenas) em todo o mundo está lutando para sustentar os seus níveis de lucro à medida que a lucratividade média permanece baixa e/ou cadente. Agora, a queda provocada pela pandemia fez com que os lucros corporativos globais caíssem em cerca de 25% no primeiro semestre de 2020 – uma queda maior do que na Grande Recessão. Os lucros certamente vão se recuperar após a Grande Recessão, mas esse processo pode não tão rápido desta vez.